

A SBQ e o Ensino Médio de Química

“O Brasil está em 15º lugar no mundo na produção científica, tendo ultrapassado muitos países com maior tradição na pesquisa e formação de recursos humanos”, afirmou recentemente Jorge Guimarães, presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Não há a menor dúvida que alguns programas de pós-graduação atingiram padrões de excelência semelhantes aos dos mais importantes centros internacionais de pesquisa. Na área de Química não é diferente. A qualidade de alguns programas de pós-graduação é de reconhecida excelência internacional. Se a pós-graduação vai bem, o mesmo não se pode dizer da graduação em Química. A procura pelos cursos de Química é baixa e o grande desafio é mostrar aos jovens que a carreira de químico oferece retorno financeiro e prestígio profissional. Mudar esse panorama deve estar na ordem do dia da Sociedade Brasileira de Química (SBQ).

Há bons exemplos no país do envolvimento de cientistas com a formação de professores de ciências e com alunos do ensino médio e fundamental que se traduziram numa maior procura nos exames vestibulares pelos cursos da área biológica e, como consequência, de graduados bem qualificados pelos programas de pós-graduação dessa área.

Um dos projetos de maior sucesso no Brasil é o coordenado, desde a metade da década de oitenta, pelo professor Leopoldo de Meis, do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Esse projeto se expandiu para 13 universidades públicas e envolve 16 grupos de pesquisa, que oferecem cursos de férias e projetos de educação em ciências. Não é necessário dizer que o conceito do programa de Bioquímica Médica, na CAPES, é sete, o maior possível.

O ensino de Química não pode prescindir de laboratórios nas escolas. O laboratório é o espaço adequado para a realização de experimentos, medidas e observações e para pequenos projetos experimentais. Ensinar Química fora do laboratório é como ensinar a nadar fora da água.

A implantação de laboratórios nas escolas de ensino médio não é uma tarefa das mais simples, porque, mais importante do que o próprio laboratório, é a presença, nas escolas, de professores motivados e bem qualificados

para ensinar. Nesse aspecto a SBQ tem muito a contribuir. Ela pode liderar um grande movimento incentivando seus associados, principalmente professores e pós-graduandos, a oferecerem cursos de férias para professores e alunos do ensino médio e fundamental e a equiparem e supervisionarem laboratórios dessas escolas.

Sabemos que existem algumas iniciativas pontuais no Brasil e que algumas fundações de apoio à pesquisa apóiam projetos para escolas de ensino médio, mas muito mais pode ser feito. A SBQ pode, por exemplo, criar o *Portal do Professor de Química* divulgando essas iniciativas e disponibilizando experimentos simples, com diferentes graus de dificuldades, para serem reproduzidos nas escolas, sob a supervisão de pós-graduandos, com a orientação de seus orientadores. Esses trabalhos devem ser catalogados e seus resultados continuamente avaliados. Além disso, a SBQ pode incentivar feiras de ciências, gincanas e olimpíadas de Química. Mas, independente do que faça a Sociedade, por que cada bolsista de produtividade do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) da área de Química não adota um laboratório de escola pública de ensino médio? A graduação é a galinha dos ovos de ouro da pós-graduação e uma não existe sem a outra. Para melhorar a graduação é imperativo que se concentre todos os esforços possíveis na qualificação dos professores do ensino médio e fundamental.

A melhora do ensino básico no Brasil e, em particular, do ensino de ciências, não é só de responsabilidade do Governo Federal, dos Governos Estaduais e das Prefeituras; é de responsabilidade dos pesquisadores, sociedades científicas e, no caso da Química, também da indústria e dos industriais. Ao Estado cabe, antes de tudo, aumentar o investimento para a educação e à sociedade civil, cobrar transparência na aplicação dos recursos.

À SBQ que congrega mais de 3000 químicos no país cabe organizar e incentivar uma “revolução” no ensino de Química nas escolas. Nunca é tarde para incentivar quem se preocupa com o ensino. Nunca é tarde para ensinar e aprender com prazer.

Angelo C. Pinto (UFRJ)

Editor JBCS